

Três meses para domar a inflação

■ Economistas advertem que pressões sobre preços aumentarão a partir de outubro

NÉLIA MARQUEZ

BRASÍLIA — Apesar das grandes divergências entre o tipo de remédio a ser adotado para resolver a crônica crise inflacionária brasileira, em um ponto há unanimidade entre os economistas: se o governo não adotar algum tipo de medida para reduzir a inflação até outubro, o país corre o risco de entrar no regime de total desorganização. O tempo certo para novas medidas é outubro, em função das pressões sazonais da entressafra agrícola e da proximidade do Natal, que é tradicionalmente um período de pressão sobre os preços, e início da revisão constitucional.

“Não há truque”, afirma o secretário-adjunto de Política Econômica, Gustavo Franco, convencido de que a saída para o problema econômico brasileiro é o restabelecimento da saúde fiscal do Estado. “O que vamos fazer em outubro é chegar para o Congresso e mostrar que o déficit orçamentário de 1994 é de US\$ 31,55 bilhões. Cada bilhão de dólares de despesas que forem cortadas asseguramos que será um



Edmar Bacha



Gustavo Franco

ponto da inflação a menos”, antecipa. O economista tem sugestões de cortes de despesas: “Eliminar os ministérios da Integração Regional, do Bem-estar Social e a LBA não faria mal a ninguém.” O objetivo, diz, é um ajuste fiscal que mude a cara do governo.

A tese de Gustavo Franco de que a solução para os problemas econômicos é o fim da crise fiscal é reforçada pelo ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega. “Se o governo emitir um sinal inequívoco de que, pela reforma constitucional, adquiriu o comando de sua despesa, o ambiente melhora”, afirma ele. A partir daí, sua idéia é que seja feito um programa de desinde-

xação gradual da economia. A estratégia de ataque gradual à inflação é criticada, porém, pelo economista Stephen Kanitz e pelo ex-ministro da Infra-Estrutura, Eduardo Teixeira, participante ativo em pelo menos cinco dos seis choques econômicos já adotados no país. “Não existe redução gradativa de inflação”, define Kanitz, defensor do corte imediato da inflação passada e um trabalho posterior sobre suas causas. Para ele, “tentar eliminar as causas da inflação com uma taxa em 30% ao mês é um trabalho infrutífero. Tudo fica contaminado pelos 30%.”

“Há um fracasso das medidas graduais”, avalia ele, a partir do exame dos períodos dos ministros Marcílio Marques Moreira, Paulo Haddad e Eliseu Resende. “Enquanto não forem tomadas medidas duras, de choque, a inflação continuará a crescer”, afirma. O timing ideal para o choque, no seu entender, seria janeiro, quando o governo teria conseguido mudanças na Constituição, a safra agrícola de 94 já estaria definida e o mercado, livre das pressões de preços de final de ano.